

Imagens de si projetadas no discurso jornalístico da América Latina: a tradição editorialística do *Jornal do Brasil* e do *Clarín* nos séculos XX e XXI

Images of themselves projected in the journalistic discourse in Latin America: the editorialistic tradition of Jornal do Brasil and Clarín in the XX and XXI centuries

Lucineudo Machado Irineu

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção – Ceará – Brasil

Maria Margerete Fernandes de Sousa

Universidade Federal do Ceará – Fortaleza – Ceará – Brasil



Resumo: O objetivo deste texto é analisar como se configura diacronicamente o conjunto de múltiplas imagens de si projetadas em editoriais do *Jornal do Brasil* e do *Clarín* que tratam de questões relacionadas à identidade cultural de países que integram a América Latina, entre os anos de 1945 e 2014. Para tanto, debruçamo-nos sobre os conceitos de ethos e de tradições discursivas a partir dos postulados de Maingueneau (2008a, 2008b) e de Kabatek (2001, 2005) no âmbito da Análise do Discurso e da Filologia Românica, nesta ordem. De início, tratamos de situar teoricamente os referidos requisitos conceituais para, em seguida, analisar a configuração dos múltiplos ethé que são projetados no discurso jornalístico dos dois periódicos investigados, entre os séculos XX e XXI, em um exercício epistemológico transdisciplinar que intitulamos filologia do discurso.

Palavras-chave: Imagens de si; *Jornal do Brasil*; *Clarín*; Editoriais; Filologia do discurso

Abstract: The aim of this paper is to analyze how the set of multiple images of themselves projected in the editorials of *Jornal do Brasil* and of *Clarín* is diachronically established. All of these issues are related to cultural identity of countries of Latin America, between 1945 and 2014. In order to do that, we focused on the concepts of ethos and discursive traditions from the postulates of Maingueneau (2008a, 2008b) and Kabatek (2001, 2005) under the view of Discourse Analysis and Romance Philology, respectively. At first, we tried to theoretically situate these conceptual requirements and, then, analyze the configuration of multiple ethé that are designed in the media discourse of the two investigated newspapers, between the twentieth and twenty-first, in a transdisciplinary epistemological exercise which we have named philology of the discourse.

Keywords: Images of itself; *Jornal do Brasil*; *Clarín*; Editorials; Philology of discourse

Palavras iniciais

Ao considerarmos que “a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção” (cf. SAHLINS, 1997, p. 41) e que, ao contrário, ela se constitui num fenômeno multifacetado que possibilita a construção de objetos de pesquisa vários, notadamente no campo dos estudos linguísticos, é possível vislumbrar como característica contemporânea de diversas correntes que se voltam para o estudo da linguagem o estabelecimento de interfaces teóricas para a abordagem de seus objetos de pesquisa, tão mais complexos quanto dinâmicos.

Desse modo, e orientados pela visão de ciência como paradigma do saber em constante transformação (MORIN, 2005), neste trabalho tomamos como objeto de análise o conjunto de imagens de si (ethos), em constituição diacrônica, projetadas em editoriais dos séculos XX e XXI de dois expressivos periódicos latino-americanos: o *Jornal do Brasil* (doravante *JB*) e o *Clarín* (doravante *CL*). Para a análise linguístico-discursiva deste objeto, uma interface teórica é estabelecida: uma aproximação epistemológica entre os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) francesa e da Filologia Românica (FR) alemã, em diálogo com os Estudos Culturais (EC) de base antropológica.

Nesta experiência transdisciplinar, tomamos como pressuposto que “não se deve esquecer que tradições discursivas (TD) estão relacionadas ao linguístico, mas não são, de modo algum, puramente linguísticas” (cf. KOCH, 1997, p. 79) e que áreas como a Análise do Discurso “não rejeitam, na atualidade, a perspectiva histórica para oferecer uma confirmação genética a suas respectivas hipóteses” (cf. KABATEK, 2001, p. 07) para dar sustentação ao exercício analítico empreendido a partir da hipótese de que o conceito de tradições discursivas (doravante TD) pode lançar luz à investigação diacrônica do ethos discursivo, pela descrição de seus vestígios de mudança e de seus traços de permanência, na história, em uma filologia do discurso, como destacamos teoricamente a seguir, inicialmente a partir da exposição do conceito de ethos a partir do qual analisamos nossos dados.

O conceito de ethos: as imagens de si projetadas no discurso

Historicamente, o conceito de ethos vem, desde a Filosofia antiga, passando por mudanças significativas, até chegar ao campo dos estudos do discurso, centrando-se fortemente nas pesquisas de Mainueneau (2008a, 2008b) e outros teóricos. Segundo Gonçalves (2006, p. 36), o termo sai do campo da Filosofia com o sentido de “moradia”, “abrigo”, “hospitalidade” e “hábito”, ligado à noção de ética, para deslocar-se ao campo da Antropologia, passando a significar “costumes de um grupo social”, “processo social de identificação de um povo”, ligado à noção de cultura e de relações identitárias, conceito que foi caro à compreensão de ethos pelos estudos discursivos.

Se hoje, no campo da AD, remetemos o termo “ethos” às imagens de si, ou seja, às autorrepresentações discursivas que se revelam na voz de um enunciador que se mostra na superfície textual a partir de marcas linguísticas, no campo dos Estudos Culturais, nos trabalhos de Geertz (2008), por exemplo, o mesmo termo é tratado como os costumes de uma comunidade, de um povo, tomado como argumento para explicar a configuração sócio-histórica dos povos.

Em termos linguístico-discursivos, é nos estudos pragmáticos de Oswald Ducrot, linguista francês, que encontramos as bases conceituais do que hoje entendemos como ethos. Para Ducrot (1987), ao enunciar, o sujeito real (concebido como locutor-I), ativa em seu dizer uma instância enunciativa compreendida como locutor-L (o locutor-fonte da enunciação), que se mostra no discurso, a quem estaria associada uma “voz” (MAINGUENEAU, 2008a) pela qual constrói as imagens de si.

Tomando tais conceitos como pressupostos teóricos, neste trabalho, concebemos ethos como a imagem de si que os enunciadores fazem revelar no discurso, circunscrita a uma cena enunciativa, através da instauração de uma

voz social, a quem o coenunciador atribui um tom, um corpo e um caráter, como metáforas dos traços identitários, físicos e psicológicos do fiador desta imagem que se pode estender para o plano da identidade cultural da comunidade da qual esta imagem faz parte (MAINGUENEAU, 2008a). Esta imagem se constitui no plano da discursividade, em um processo de colaboração entre parceiros legítimos da enunciação, os coenunciadores, manifestando-se, em geral, na conjuntura de várias imagens (os *ethé*) que compõem uma representação da imagem apreendida pelo coenunciador (o *ethos*), que incorpora esta imagem no discurso.

Em termos de sua manifestação na superfície textual, trata-se de um fenômeno que deixa marcas linguístico-discursivas, de natureza dêitica e lexical, por exemplo, a partir das quais se mostra no discurso. As referidas marcas atuam no discurso como índices evidenciadores da existência desta imagem na cadeia enunciativa, índices estes que podem sofrer as coerções do tempo e do espaço em termos de mudança e de permanência que apresentam diacronicamente, podendo, assim, ser observados no curso do tempo, entre a tradição e a atualização.

Situado o conceito de ethos com o qual operacionalizamos nossas análises, a seguir, debruçamo-nos sobre o conceito de tradição discursiva, também basilar em nosso trabalho.

O conceito de tradições discursivas: as múltiplas formas de dizer no tempo

Os estudos sobre a trajetória de dados elementos linguístico-discursivos no curso da história são relativamente novos na América Latina. Mesmo diante da recente inclusão destes estudos no âmbito da Linguística, o conceito de tradições discursivas, circunscrito no domínio da Filologia Românica, tem-se revelado como um importante requisito conceitual para as pesquisas em Linguística Histórica, expandindo-se para diversas outras áreas.

Com base nos postulados do linguista Eugenio Coseriu e em sua visão de linguagem como fenômeno histórico constituído em três níveis (o universal, o histórico e o individual), a Teoria das Tradições Discursivas (TTD), em sua formulação de base, assenta-se sobre o texto e suas dimensões como material de análise, concebendo-o como um acontecimento histórico, que atualiza e/ou tradicionaliza esquemas comunicativos e culturais recorrentes, na língua, no curso do tempo.

Johannes Kabatek, representante contemporâneo da Filologia Romanica, dedicou-se, nos últimos anos, ao estudo de tradições discursivas, redimensionando-lhe o conceito a partir da análise dos vestígios de mudança e dos traços de permanência pelos quais passam os índices linguístico-textuais ao longo de dado período histórico,

buscando compreender os fenômenos de linguagem face às transformações por que passam ao longo de sua trajetória, considerando as práticas de linguagem em determinadas esferas da atividade humana.

Partindo de três premissas basilares: (i) uma tradição deve ser discursiva, o que exclui as repetições não linguísticas; (ii) nem toda repetição linguística é uma TD; e (iii) toda TD supõe uma evocação, Kabatek (2007, p. 07) conceitua TD como:

A repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

O conceito proposto por Kabatek (2007) nos parece crucial para a compreensão da face diacrônica do ethos discursivo, na medida em que trata das TD como uma repetição, no plano da significação, em três dimensões basilares: o texto, a forma textual e a maneira particular de escrever ou falar. Por “forma textual”, compreendemos as estruturas linguísticas recorrentes que se constituem como TD no curso de dado recorte temporal (uma forma verbal, por exemplo); por “texto”, compreendemos segmentos textuais (porções de textos) mais complexas que estruturas (a exemplo da abertura de uma carta) também consideradas TD; por “maneira particular de escrever ou falar”, compreendemos os modos de dizer, a exemplo das formas de interação em gêneros.

O valor de “signo próprio” a que se refere o autor está relacionado ao fato de uma repetição só poder ser tomada como TD quando significa, ou seja, quando constrói significado para além do significante, para além da forma linguística. Se, então, uma TD é uma repetição “com valor de signo próprio”, é no curso do tempo que o elemento repetido estabelece uma relação de união entre “atualização e tradição” no plano da mudança ou da inovação.

Situados nossos requisitos conceituais de base (ethos e tradições discursivas), centramos nossa atenção, agora, na análise de excertos de editoriais do *JB* e do *CL*.

As imagens de si em editoriais do *JB* e do *CL*: uma análise diacrônica

O corpus da pesquisa sobre o qual nos debruçamos para este trabalho foi constituído por 50 editoriais (25 do

JB e 25 do *CL*) organizados em duas gerações (1945 a 1979 e 1980 a 2014) e transcritos obedecendo à ortografia da época em que foram publicados. A análise dos dados nos revelou a construção, pelos enunciadores, de 04 imagens de si recorrentes que categorizamos segundo os traços semânticos mobilizados pelos campos léxicos a partir dos quais estas imagens discursivas se expressam.

Deste modo, a análise dos dados do *Jornal do Brasil*, especificamente, permitiu-nos categorizar assim os *ethé* encontrados:

- (i) enunciator-nacionalista (ethos nacionalista), caracterizado por sua expressão associada a um tom patriótico, de louvor aos signos identitários nacionais e/ou de crítica aos problemas sociais brasileiros. Este ethos se faz presente nos editoriais de 1945, 1946 e 1953 (1ª geração) e 1994 e 2000 (2ª geração), totalizando 05 exemplares;
- (ii) enunciator-autoridade (ethos analista sociopolítico), caracterizado por sua expressão a partir de argumentos de autoridade, tomadas de posição amparadas em áreas específicas (política, economia, sociedade etc.), vocabulário especializado, dentre outros. Este ethos se faz presente nos editoriais de 1949, 1955, 1958, 1961, 1964, 1967, 1970, 1973, 1976 e 1979 (1ª geração) e 1985, 1988, 2003, 2009 e 2013 (2ª geração), totalizando 15 exemplares;
- (iii) enunciator-indignado com os problemas sociais (ethos da indignação), caracterizado por sua expressão associada a um tom de indignação e crítica aos problemas sociais. Este ethos se faz presente nos editoriais de 1982, 1997, 2006 e 2014 (2ª geração), totalizando 04 exemplares;
- (iv) enunciator-ecumênico (ethos do ecumenismo), caracterizado por sua expressão associada a um tom de serenidade em defesa da unidade dos ideais cristãos. Este ethos se faz presente no editorial de 1991 (2ª geração), isto é, em somente 01 exemplar.

O levantamento acima exposto revela a emergência do ethos nacionalista e do ethos analista sociopolítico na primeira geração de textos do *JB* e sua permanência na segunda geração, inclusive nos exemplares do século XXI (no caso do segundo dos *ethé*, que predomina nos dados, uma vez que a tradição editorialística do *JB* voltou-se, com prioridade, aos temas da política nacional ao longo dos séculos XX e XXI). Por sua vez, os *ethé* da indignação e do ecumenismo emergem na segunda geração de textos, não apresentando ocorrências na primeira geração. Isto nos revela que, ao passo em que trata prioritariamente de temas da política nacional, a partir dos anos de 1980, o *JB* passa a incorporar em seus editoriais temas outros, como religião, economia etc..

Destacamos que estes *ethé* apresentam contornos discursivos diversos no modo como se expressam na primeira e na segunda geração de textos do *JB*, como podemos observar nos exemplos a seguir, nos quais o *ethos* nacionalista apresenta ares ufanistas de exaltação à imagem nacional brasileira, em um tom eminentemente patriótico, no primeiro exemplo, e como este mesmo *ethos* apresenta ares de crítica aos que se mostram contrários à tese defendida, em um tom consideravelmente agressivo, no segundo exemplo:

(*JB/1946*) Dando o exemplo de respeito às prerrogativas dos povos livres e à autodeterminação de cada unidade política, *o Brasil colaborou, desde o limiar de sua libertação, para consolidar o direito novo, que brotou da convivência das nações americanas* e que, dilatando suas ramificações, *criou um sistema de entendimento recíproco entre os povos deste lado do Atlântico, que pode servir de modelo a todos os países que queiram realizar um esforço em prol de uma paz duradoura, nos moldes preconizados pelos proceres do Continente*, que neste particular se anteciparam aos representantes que se envaidecem falar em nome da civilização mais antiga e mais rica.

(*JB/2000*) A pregação de boicote surge sobre o pífio argumento de que não há nada a comemorar, de que em 22 de abril de 1500 tudo o que começou foi o genocídio dos índios, depois a escravidão dos negros, a Independência proclamada por um português, a República como golpe ao qual o povo esteve alheio, as eleições fraudadas para presidente, o Estado Novo, a ditadura militar. Tudo isso pode ser – e é – verdade. *Mas é a verdade toda. A outra face do genocídio foi a luta pela defesa dos índios, semente do heroísmo de nossa formação.*

Também apresenta contornos discursivos diversos no modo como se expressa na primeira e na segunda geração de textos o *ethos* analista sociopolítico, como podemos observar nos fragmentos dispostos abaixo. No primeiro deles, há um enunciador que analisa as questões nacionais relacionadas mais diretamente à política em termos de sistemas de governo, enquanto no segundo há um enunciador que analisa as questões políticas em termos de sua projeção nos problemas sociais, como a crise na educação pública brasileira. Vejamos os exemplos:

(*JB/1976*) *As dissonâncias que são a tônica do atual Governo, em que declarações contraditórias das mais altas autoridades se alternam com desmentidos vagos numa espécie de jogo de disparates, não são mais do que o resultado de uma espontânea defasagem entre o Governo e a realidade.* Esse divórcio entre fatos, palavras e atitudes é devido, em grande parte, à

distância que separa os grandes núcleos da atividade brasileira dos centros de decisão isolados em Brasília, no ermo do Planalto.

(*JB/2009*) *Embora tenham conseguido vencer o desafio da universalização no acesso ao ensino fundamental, no fim dos anos 90, o Brasil continua atrasado em relação à qualidade oferecida pela rede pública no ensino médio.* Já se tornou tristemente comum encontrar, dentro de classe, adolescentes incapazes de ler e entender textos mais complexos ou mesmo fazer as quatro operações aritméticas.

O *ethos* da indignação pode ser assim subcategorizado na segunda geração de textos: em duas ocorrências (1982 e 2014), há um enunciador que se posiciona criticamente a respeito de questões do cenário internacional; em outras duas ocorrências (1997 e 2006), há um enunciador que se posiciona de modo crítico a respeito de questões nacionais, como observamos nos trechos a seguir:

(*JB/1982*) O continente acordou sobressaltado com a notícia inusitada da invasão das ilhas Falklands. Sobressalto não é de forma alguma palavra excessiva para o caso. Ele decorre, em primeiro lugar, do fato de que *nenhuma tentativa mais seria foi feita para resolver por outros meios uma questão que já se arrasta há mais de um século.* Decorre, principalmente, do fato de que *do dia para a noite está criado um precedente alarmante para a convivência dos povos deste continente.*

(*JB/2014*) Surpreende *que tal artigo venha de um jornal espanhol, país cuja população passou 40 anos sendo oprimida pela ditadura de Francisco Franco. Não houve injustiça maior do que a ditadura franquista, e não houve “jeitinho espanhol” nenhum para contornar as dificuldades.* Pelo contrário: Franco sequer deixava que seu país se comunicasse com o mundo.

(*JB/1997*) *Todos nos sentimos igualmente culpados pela inutilidade do protesto ou da indignação que não consegue mudar as leis e nem fortalecer sentimentos dignificantes numa sociedade em crise de valores.* Há um desconforto moral acentuado pelo ato que pagou a celebração da data do índio e esvaziou a comemoração do aniversário de Brasília.

(*JB/2006*) Nos moldes atuais, *as regras eleitorais brasileiras apadrinham a corrupção, os desvios de recursos e a impunidade.* Nosso sistema de financiamento político estimula malfeitos antes, durante e depois das eleições. No auge das crises de confiança, *Congresso e governos costumam recorrer aos incontáveis projetos que dormem nas gavetas dos mais vistosos gabinetes de Brasília.*

Por sua vez, o ethos do ecumenismo, presente no editorial de 1991, apresenta como estratégia argumentativa uma retomada dos problemas sociais brasileiros para contextualizar a estada do Papa João Paulo II, no Brasil, para a defesa da tese de que a igreja é uma só e que, portanto, o ecumenismo é o melhor caminho para a dissolução dos conflitos entre as religiões, conforme observamos neste fragmento:

(JB/1991) *A igreja é uma só – e a visita do Papa fixa os contornos dessa síntese.* A (sic) próprio estilo de João Paulo II – que, submetendo-se ao cansaço e a toda sorte de desconforto, vai trilhar 8.500 quilômetros de território brasileiro – revela um sacerdote moderno, dinâmico e afinado aos problemas de seu tempo.

Do mesmo modo que no Jornal do Brasil, a análise dos 25 editoriais do Clarín nos revelou a construção, pelos enunciadores, de 04 imagens de si recorrentes que, em síntese, podem ser categorizadas levando-se em conta os traços semânticos mobilizados pelos campos léxicos, a partir dos quais estas imagens se expressam. Estes 04 grandes ethé, sendo três deles recorrentes na primeira e na segunda geração de textos, são categorizados como:

- (i) enunciador-nacionalista (ethos nacionalista), caracterizado por sua expressão associada a um tom patriótico, de louvor aos signos identitários portenhos e/ou de crítica aos problemas sociais argentinos. Este ethos se faz presente nos editoriais de 1949, 1952, 1955, 1964 e 1979 (1ª geração) e 1991, 1997 e 2009 (2ª geração), totalizando 08 exemplares;
- (ii) enunciador-autoridade (ethos analista sociopolítico), caracterizado por sua expressão a partir de argumentos de autoridade, tomadas de posição amparadas em áreas específicas (política, economia etc.), vocabulário especializado, dentre outros. Este ethos se faz presente nos editoriais de 1958, 1961, 1967, 1973 e 1976 (1ª geração) e 1985, 1988, 1994, 2000, 2003 e 2006 (2ª geração), totalizando 11 exemplares;
- (iii) enunciador-humanitário (ethos humanitário), caracterizado por sua expressão associada a um tom de serenidade, pelo qual o enunciador se mostra humilde diante do cenário político nacional e solidário à dor do outrem. Faz-se presente nos editoriais de 1946 e 1970 (1ª geração) e 1982 (2ª geração), totalizando 03 exemplares;
- (iv) enunciador-opositor (ethos antigovernista), caracterizado por um tom de crítica direcionada ao Governo Kirchner no século XXI. Faz-se presente nos editoriais de 2012, 2013 e 2014 (2ª geração), totalizando 03 exemplares.

Este levantamento revela a emergência dos ethé nacionalista, analista sociopolítico e humanitário na primeira geração de textos do CL e sua permanência na segunda geração. A predominância é do ethos analista sociopolítico, o que sinaliza para o fato de que a tradição editorialística do CL, assim como no JB, voltou-se com prioridade para os temas da política nacional ao longo dos séculos XX e XXI.

Por sua vez, o ethos antigovernista emerge na segunda geração de textos, não apresentando ocorrências na primeira geração, revelando que segue forte no século XXI a retratação de temas da política nacional em diálogo com outros temas (economia, sociedade etc.), uma tendência nos editoriais do periódico portenho que se torna mais forte entre os anos de 2000 e 2014, durante o Governo Kirchner.

Assim como no JB, os ethé analisados no CL também apresentam contornos discursivos diversos na primeira e na segunda geração, como podemos observar nos exemplos abaixo, nos quais observamos como o ethos nacionalista apresenta ares ufanistas de exaltação à bandeira argentina como símbolo maior da identidade nacional portenha, em tom patriótico, no primeiro caso, e como este mesmo ethos apresenta ares de crítica ao Governo pela falta de investimentos nos símbolos da cultura nacional, no segundo caso:

(CL/1952) El alto significado que surge del símbolo de la propia enseña, estuvo presente en la celebración de ayer. En todas las ceremonias *el flamear de la insignia venerada al tope de los mástiles y el desfilar marcial de las tropas frente a ella, revistieron un contenido que la trascendió del simple formalismo de los actos.* Porque la bandera resume nuestra historia y nuestro futuro.

(CL/1991) Más que los golpes de piqueta que en todos estos días están completando la demolición de la sala del teatro Odeón, es la crisis económica que vive el país la que la condena a ingresar el ámbito de los recuerdos. *El teatro, que estaba a punto de cumplir un siglo de existencia, y toda la esquina de Corrientes y Esmeralda, una de las más pobladas de tradición y evocaciones en la mitología porteña, se añade así a tantos otros pilares del patrimonio cultural que se nos escapan de las manos por fuerza de la indefensión en los que surgen las actuales carencias.*

Também apresenta contornos discursivos diversos o ethos analista político que se manifesta em exemplares da primeira e da segunda geração do CL. No primeiro caso, há um enunciador que se volta prioritariamente para a análise dos temas da política internacional, enquanto no segundo caso há um enunciador que se posiciona

criticamente sobre a atuação do Governo argentino com relação a questões sociais, conforme é possível observar a seguir:

(CL/1967) *En muchas oportunidades hemos expuesto nuestra opinión acerca de la política seguida por el anterior gobierno del Brasil.* También hemos señalado, como todo daba a entender, que con otra conducción las orientaciones cambiarían. No nos basábamos sólo en juicios subjetivos sobre los hombres que iban a constituir el nuevo gobierno, sino más bien en la objetiva insustentabilidad de una política inspirada por un criterio de subordinación.

(CL/2003) *En la actual coyuntura no puede desconocerse que la función prioritaria de las escuelas públicas se focaliza en brindar una comida diaria a los chicos más carenciados.* A la vez que esto ocurre, se deben enfrentar crecientes dificultades para el logro de su función específica: brindar posibilidades de progreso para los menos favorecidos, democratizando el acceso al conocimiento y sentando las bases de un futuro más equitativo.

O enunciador-humanitário, por sua vez, constitui-se no primeiro e no segundo blocos de textos de duas maneiras distintas, a saber: um enunciador que, com humildade, é capaz de reconhecer as derrotas e rever posturas políticas e um sujeito que, com solidariedade, mostra-se a favor das causas de outrem, como expresso nos editoriais de 1946 e 1982, cujos fragmentos são transcritos, respectivamente, abaixo:

(CL/1946) Hoy, ante el hecho consumado, no cabe sino reconocer paladinamente la legitimidad del triunfo del [...] en consecuencia. Quienes fueron a los comicios sin condiciones ni reserva casi seguros de su victoria, no podrían ahora, honestamente, poner reparos de orden legal al resultado del escrutinio. Dicho más claramente: quienes aceptaron la elección, no pueden rechazar, las cifras del escrutinio simplemente porque les son adversas. *Lo cortés no quita lo valiente. CLARÍN, que apoyó al bando contrario, baja sus armas, saluda caballerescamente al hombre impuesto por la mayoría del pueblo [...] le desea buena suerte y mucho éxito en | las tareas gubernativas que tiene por delante.*

(CL/1982) *La magnitud de | la marcha del martes,* que se realizó a pesar de la prohibición oficial y tuvo un decurso pacífico favorecido por la actitud firme pero dialogante de los efectivos policiales, *demuestra lue el problema de los derechos humanos encarna una preocupación legítima,* no solamente de las familias afectadas sino también de la comunidad nacional en su conjunto.

Logo, o ethos antigovernista se manifesta somente nos editoriais da segunda geração, mais especificamente no século XXI, quando se acirram as diferenças entre a Presidente Cristina Kirchner e o Grupo Clarín, como destaca Sivak (2013), notadamente a partir da proposição, pelo Governo, da Lei dos Meios, que limita a ação dos veículos de comunicação do Grupo. Os três exemplares em que observamos a ocorrência desta imagem discursiva constroem uma argumentação que se sustenta em tom rude e agressivo, como vemos a seguir:

(CL/2012) Pero *Cristina se ha hecho adicta a la irrealidad y no concibe otra forma de ver las cosas que la que ella tiene.* Cree que todo anda bien y a la vez dice: “no voy a aflojar ni me van a vencer”. Eso de hablar de la última trinchera y sostener que todo anda fenómeno suena parecido a la esquizofrenia.

(CL/2013) Ni el Gobierno ni Cristina pudieron disimular ayer el impacto que les causó la noticia. *Los diputados kirchneristas se negaron a interrumpir una sesión para festejar el histórico nombramiento.* La Presidenta le envió un obligado saludo a Francisco burocrático y más frío que un témpano.

(CL/2014) En 1988 El Chocón dejó de funcionar por el bajo caudal del río Limay. En febrero de 1999 se rompió la central Azopardo de Edesur y la actual se atribuye a la extendida ola de calor. *La diferencia es que en los casos anteriores los presidentes | dieron la cara.*

Em síntese, podemos afirmar que: (i) os ethé nacionalista e analista político são recorrentes nas duas gerações de textos do *JB* e do *CL*; (ii) os ethé da indignação e do ecumenismo são específicos do *JB*; (iii) os ethé humanitário e antigovernista são específicos do *CL*; (iv) os dois periódicos apresentam a mesma diversidade de tipos de imagens de si projetadas pelos enunciadores: no *JB* registramos quatro imagens (nacionalista, analista político, indignado e ecumênico) e no *CL* também registramos quatro imagens (nacionalista, analista político, humanitário e antigovernista).

A análise dos dados, no recorte a que nos propomos nesse trabalho, confirma a tese de que o conceito de TD lança luz à investigação diacrônica do ethos discursivo, em se tratando de seus vestígios de mudança e de seus traços de permanência, na história, bem como dos índices linguístico-discursivos pelos quais se expressam, como é possível constatar no quadro disposto a seguir, em que traçamos uma síntese do observado quanto à diacronia das imagens de si observadas nos dados e com o qual finalizamos nossos comentários analíticos.

Quadro 1 – Imagens de si dos enunciadores dos editoriais

	1ª Geração (1945 a 1979)	2ª Geração (1980 a 2014)
<i>JB</i>	Enunciador-autoridade (ethos analista sociopolítico) Enunciador-nacionalista (ethos nacionalista)	Enunciador-autoridade (ethos analista sociopolítico) Enunciador-nacionalista (ethos nacionalista) Enunciador-indignado (ethos da indignação) Enunciador-ecumênico (ethos do ecumenismo)
<i>CL</i>	Enunciador-nacionalista (ethos nacionalista) Enunciador-autoridade (ethos analista sociopolítico) Enunciador-humanitário (ethos humanitário)	Enunciador-nacionalista (ethos nacionalista) Enunciador-autoridade (ethos analista sociopolítico) Enunciador-humanitário (ethos humanitário) Enunciador-opositor (ethos antigovernista)

Fonte: Elaboração nossa.

Palavras finais

Neste trabalho, tomamos como objeto de análise o conjunto de imagens de si que os enunciadores de editoriais do *JB* e do *CL* projetam no discurso, em um recorte diacrônico de mais de meio século. Em uma pesquisa de base qualitativa, partimos dos conceitos de ethos e de tradições discursivas, conjugando pressupostos teórico-metodológicos da AD e da Filologia Românica, em diálogo com os Estudos Culturais antropológicos, para a análise de nosso objeto de pesquisa. Esta postura transdisciplinar de abordagem dos fenômenos de linguagem nos permitiu confirmar a tese lançada com base no que intitulamos filologia do discurso.

Ao recorrermos aos estudos de Maingueneau (2008a, 2008b), dentre outros teóricos dos estudos do discurso, pudemos redimensionar o conceito de ethos a partir do qual analisamos os dados selecionados. Partindo, então, das bases epistemológicas da AD e em diálogo com a TTD, concebemos ethos como a imagem de si que os enunciadores fazem revelar no discurso, circunscrita a uma cena enunciativa, através da instauração de uma voz social. Trata-se o *ethos* de uma *imagem que se manifesta na superfície textual através de marcas linguístico-discursivas que sofrem as coerções do tempo e do espaço e que apresentam traços de mudança e de permanência na diacronia da língua* (grifos nossos).

Na mesma direção, partimos dos postulados da Filologia Românica alemã para situar nossa compreensão

acerca de *tradições discursivas como uma das inúmeras tradições culturais dos povos que consistem na repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar, com valor significável* (grifos nossos), na relação entre elementos de tradição e inovação.

Reconhecendo que a construção de objetos em pesquisa científica “é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções e emendas” (BOURDIEU, 2007, p.27), as diversas incursões aos dados dos dois jornais enfocados nos possibilitaram observar que os *ethé* analisados nos editoriais mudam de um tempo a outro e de uma cultura a outra, a depender dos índices linguístico-discursivos mobilizados.

Esta observação, por sua vez, possibilitou-nos antever que, de fato, o discurso é “um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 15) observáveis em termos de sua expressão no plano diacrônico. Foi possível constatar ainda que as imagens de si projetadas pelos enunciadores na tradição editoria-lística do *JB* e do *CL* em alguns casos se hibridizam às imagens discursivas dos próprios veículos, na medida em que, não raras as vezes, o ethos do gênero se mescla ao do enunciador, que forma sua imagem a partir das representações éticas que guarda do seu enunciatário” (GONÇALVES, 2006, p.125), questão sobre a qual pretendemos nos debruçar mais detalhadamente em pesquisas futuras.

Em síntese, observamos que, ao se reportarem a questões que tocam a identidade cultural de países que integram a América Latina, os enunciadores de editoriais do *JB* projetam, no discurso jornalístico, as seguintes imagens de si: enunciador-autoridade, enunciador-nacionalista, enunciador-indignado e enunciador-ecumênico. Por sua vez, os enunciadores de editoriais do *CL* projetam as seguintes imagens de si: enunciador-nacionalista, enunciador-autoridade, enunciador-humanitário e enunciador-opositor. Todas estas imagens apresentam contornos discursivos diversos relacionados ao contexto histórico do momento em que os editoriais em que se projetam são publicados. Em conjunto, os referidos *ethé* evocam uma voz social que trata de temas da latinidade que muito dizem a respeito da identidade cultural dos povos da América Latina retratada nas páginas dos dois veículos enfocados ao longo de mais de meio século.

Destacamos que estes achados de pesquisa evidenciam a fecunda relação que se pode estabelecer a partir da interface teórica entre AD e TTD para a abordagem de fenômenos discursivos, em uma *filologia do discurso* (grifos nossos), enquanto abordagem dos fatos linguísticos que pode e deve ser aprofundada e

sistematizada, enquanto construtuo epistemológico, em pesquisas futuras.

Nesta *filologia do discurso*, a Linguística Histórica surge como aporte teórico e metodológico indispensável para o estabelecimento de técnicas e requisitos conceituais para a pesquisa diacrônica que compara as culturas das Américas, esta porção do mundo “que está tão imbricada em nosso cotidiano a ponto de nos parecer algo imanente, atemporal” (BRANDALISE, 2008, p. 21), através de suas práticas discursivas, tão mais híbridas quanto plurais.

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRANDALISE, C. A ideia e concepção de “latinidade” nas Américas: a disputa entre as nações. In: ORO, A. P. (Org.). *Latinidade da América Latina: enfoques sócio-antropológicos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 21-59.
- DUCROT, O. *O dizer e dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONÇALVES, J. B. C. *Poder e afeto nas narrativas bíblicas: uma análise da construção do ethos discursivo nas parábolas contadas por Jesus*. 2006. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- KABATEK, J. Sobre a historicidade dos textos. *Linha d’água*. São Paulo, v. 12, n. 17, abr./2005. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37270>>. Acesso em: 26 out. 2013.
- KABATEK, J.; JACOB, D. Lengua, texto y cambio lingüístico en la Edad Media iberorrománica. In: KABATEK, J.; JACOB, D. *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Iberica: descripción gramatical, pragmática histórica, metodología*. Madrid: Ibero-americana, 2001, p. 07-18.
- KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. *Gattungen. Mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997, p. 43-79.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 1). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131997000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 jan. 2014.
- SIVAK, M. *Clarín, el gran diario argentino: una historia*. Buenos Aires: Planeta, 2013.

Recebido: 25 de abril de 2015

Aprovado: 02 de junho de 2015

Contatos: lucineudomachadoirineu@gmail.com

margarete.ufc@gmail.com